

A luneta de Galileu

21 DEZ 1994

O GLOBO

TATIANA CHAGAS MEMÓRIA

Galileu convidou os sábios para que eles vissem que os astros se moviam. Pediu-lhes que olhassem com seus próprios olhos através de sua luneta.

Eles responderam: Não vamos olhar porque sabemos que os astros não se movem.

Os nossos sábios de hoje, doutores em tese e analfabetos em prática, recusam-se a olhar pela luneta de Galileu.

Os grandes homens pensam grande, sonham grande e se esses sonhos não tivessem acontecido, não estaríamos hoje pisando o solo da Lua, não teríamos o computador e, provavelmente, estaríamos vivendo num mundo tão complicado quanto esse em que vivemos, mas muito mais medíocre.

A cabeça de um intelectual com uma enorme bagagem de realizações, que inclui projetos e reformas de universidades no Brasil e no mundo, idealizou o único projeto sério em educação que até agora aconteceu neste país, com o apoio de um estadista, coerente com seus princípios e objetivos, que em toda a sua trajetória política priorizou a educação.

Por que rejeitar um projeto de educação que se não fizesse mais nada, respeita o direito constitucional da criança de estudar, se alimentar e de ter sua saúde atendida? Mais de 300 mil crianças estudam hoje nos 406 Cieps do estado.

É uma lástima que não sejam verdadeiras as alegações da doutora Vanilda Paiva, em seu artigo no GLOBO "O colapso do populismo". É uma lástima que ninguém tenha sequer cogitado no uso dos exaustores para secar as crianças após o banho. Teria sido muito mais higiênico e econômico, uma vez que é material permanente com baixo custo de manutenção.

Em outros tempos já tivemos escolas públicas de horário integral e foi exatamente a carência de salas de aulas que obrigou os governos a um aproveitamento total dos espaços, entupindo as escolas em dois e até três turnos.

Em 1992, a Seepe celebrou um convênio com a Uerj para uma bolsa de 1.600 horas que resolvia dois problemas: conseguir professores para os cinco primeiros anos escolares e de

preparar esse professor que, formado em escolas de baixo nível, tinha nível mais baixo ainda.

No concurso público realizado em dezembro de 1993, tivemos 36% de aprovação de bolsistas e 23% de aprovação de não bolsistas.

Para informação da professora Vanilda e do público em geral, a avaliação de que trata o seu artigo, realizada pelo MEC em 1993, foi feita a pedido da Secretaria municipal do Rio de Janeiro, em Cieps do município que não trabalham com o Programa Especial de Educação. São escolas que trabalham em dois e três turnos com o mesmo projeto pedagógico da rede convencional, onde as crianças podem permanecer por mais um período, mas apenas brincando. O MEC encontrou resultados de avaliação iguais em escolas iguais: Cieps e rede convencional.

**É preciso
unificar a rede,
com certeza.
Mas não podemos
nivelar
por baixo.**

O preconceito e pressão da mídia, talvez, tornaram impossível para nós conseguirmos uma avaliação do MEC ou da Fundação Carlos Chagas, por exemplo. Como entretanto essa avaliação era necessária, contratamos uma equipe de pesquisadores da Uerj, da UFRJ e de outras universidades que trabalhou com uma amostragem de 10% das unidades já em funcionamento. Os resultados dessa avaliação também estão à disposição. Noventa e três por cento dos alunos do terceiro ano de escolaridade tinham resultados de aprendizagem satisfatória e 76% do quinto ano de escolaridade foram considerados aprovados.

Não sei de onde saíram as taxas de ocupação que foram utilizadas no artigo do GLOBO, mas não são verdadeiras. A ocupação média dos Cieps de 50% a 60%, acontece apenas em dez municípios do interior. Na Bai-

xada, ela é de 95% a 100%, sendo que em várias áreas já ultrapassa a lotação prevista. Mais da metade dos Cieps da Baixada já está com 5% a 10% a mais de alunos matriculados.

Apesar de toda a desinformação que cerca esse projeto, ele é reconhecido como o único projeto de educação neste país que saiu da teoria e das elocubrações dos acadêmicos, para uma realidade que comprovou seus resultados. A avaliação realizada agora, em 1994, mostra que 84% da comunidade no entorno da escola considerou que a qualidade de vida melhorou muito com o funcionamento do Cieps.

Engraçado como aqueles que possuem seus doutorados renegam e confundem aquilo que chamam de populismo, com a possibilidade de uma educação de qualidade. Acreditam que só podemos dar a crianças pobres de menos de 14 anos, uma escola de três horas diárias para que ela possa trabalhar. Não se lembram ou desconhecem que nessa escola de horário integral a criança, que não trabalha, tem todas as suas necessidades atendidas e não pesa em nada à sua família.

Precisamos crescer e aprender a levar a educação a sério, sem posições políticas preconcebidas. Os 406 Cieps que hoje funcionam em todo o estado são propriedades do povo e não de um governo ou de um partido. São escolas de Primeiro Mundo sim, com um projeto pedagógico capaz de formar cidadãos também do Primeiro Mundo. Estão aí como um exemplo para ser seguido e multiplicado. E preciso unificar a rede, com certeza. Mas não podemos nivelar por baixo.

Em 1990, a educação era para a população deste estado a primeira prioridade. Vinha antes da segurança, da saúde e do transporte. Em 1994, a educação passou a ser a quarta prioridade. As famílias não mais dormiram em filas. As escolas da rede convencional foram mais bem equipadas e apesar de ninguém querer usar a luneta de Galileu, a população foi razoavelmente atendida em qualidade e quantidade.

Nosso antropólogo, idealizador de um projeto revolucionário em educação, vai, com toda a bagagem de realizações, passar à História deste país.

E nossos doutores, como é que ficam?

Tatiana Chagas Memória é subsecretária da Secretaria Extraordinária de Programas Especiais.